

Ginástica Rítmica na visão dos professores de Educação Física da cidade de Santa Maria/RS: realidade ou possibilidade no âmbito escolar.

Paola Marques Duarte*

Mara Rubia Antunes**

Resumo: Este estudo teve como objetivo verificar a inserção da Ginástica Rítmica (GR) nas escolas de Santa Maria/RS. A amostra foi composta por 8 professores de Educação Física de escolas públicas e privadas da cidade. Os dados foram obtidos por meio de entrevista e analisados fundamentando-se no Método de Análise de Conteúdo. Constatou-se que a GR vem sendo desenvolvida somente nas escolas particulares, no formato do esporte de competição, estando ausente enquanto conteúdo da Educação Física escolar. Concluiu-se que os professores entrevistados justificam a ausência da GR na escola, principalmente devido à falta de profissionais capacitados, materiais apropriados e espaço-físico adequado.

Palavras-Chave: Ginástica Rítmica. Professores de Educação Física. Escola.

INTRODUÇÃO

A Ginástica Rítmica (GR) é caracterizada pela combinação de elementos corporais com movimentos dos aparelhos manuais oficiais (corda, bola, arco, maçãs e fita) em harmonia com a música.

A GR enquanto esporte de competição, é uma modalidade essencialmente feminina, apresenta regras específicas, e exige um determinado padrão físico, no qual as ginastas devem mostrar força, agilidade e flexibilidade, como características físicas principais. Em uma competição as atletas podem participar de forma individual ou em grupo, a mãos livres ou utilizando os aparelhos manuais oficiais da modalidade, tendo as suas séries julgadas com base no Código de Pontuação definido pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) (EGERLAND, 2004).

* Licenciada em Educação Física. Centro de Educação Física e Desportos. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: paolamduarte@yahoo.com.br

** Professora Doutora do Centro de Educação Física e Desportos. Universidade Federal de Santa Maria. Orientadora do estudo. Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: rubiaufsm@hotmail.com

Contrastando com essa realidade competitiva, surge a Ginástica Rítmica escolar, a qual visa proporcionar a igualdade, alegria, participação ativa e prazer à todos, independente do sexo ou características físicas individuais, tornando assim possível a aplicação da GR no ambiente escolar (EGERLAND, 2004). Gaio (2007) visualiza a GR como um conteúdo que contribui para o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo social, e que pode ser trabalhado em uma perspectiva lúdica, sem descaracterizar a modalidade, explorando a criatividade do aluno, a partir da utilização de materiais alternativos, e a ocupação de espaços não específicos.

A prática da GR contribui para o desenvolvimento de diferentes habilidades motoras e capacidades físicas, assim como contribui para o desenvolvimento rítmico, estético e artístico dos praticantes (TOLEDO, 2009). Segundo Tibeau (2010) a GR é uma atividade prazerosa que estimula a criatividade e as relações socioafetivas, também possui características que a tornam um conteúdo bastante interessante para ser desenvolvido na Educação Física escolar, uma vez que possibilita o alcance de objetivos educacionais.

Entretanto, sabe-se que atualmente o trabalho com as modalidades gímnicas tem sido pouco desenvolvido nas escolas (AYOUB, 1998; TOLEDO, 1999; SCHIAVON, 2003; SCHIAVON E NISTA-PICCOLO, 2006; BARBOSA-RINALDI E CESÁRIO, 2010). Desta forma, este estudo teve como objetivos verificar a inserção da GR nas escolas da cidade de Santa Maria/RS, assim como, averiguar de que forma a GR está sendo desenvolvida nas escolas, investigar os objetivos da modalidade na escola, identificar a formação do profissional que trabalha com a GR na escola, e diagnosticar os motivos de uma possível ausência da modalidade nas escolas da cidade.

CAMINHO METODOLÓGICO

A população considerada para este estudo foi composta por professores de Educação Física das escolas municipais, estaduais e particulares da cidade de Santa Maria/RS. A amostra foi constituída por 8 professores das diferentes redes de ensino selecionados a partir de um sorteio, sendo 2 professores(as) de escolas municipais, 2 professores(as) de escolas estaduais e 4 professores(as) de escolas particulares.

A primeira etapa realizada nesta pesquisa foi o levantamento do número de escolas municipais, estaduais e particulares da cidade, e o contato inicial com o intuito de verificar quais instituições desenvolviam o trabalho com a GR e quais não

trabalhavam com a modalidade. A segunda etapa foi a seleção das escolas (sorteio), e o contato formal realizado por meio de um ofício encaminhado a Direção, solicitando a autorização para a visita e aplicação da entrevista com o (a) professor (a) de Educação Física da escola. Com a devida autorização cedida pela escola, a terceira etapa foi a entrevista realizada com o (a) professor (a) de Educação Física da instituição.

Os dados foram coletados durante os meses de Junho e Julho de 2010, e analisados fundamentando-se no Método de Análise de Conteúdo. Como instrumentos para coleta de dados foram utilizadas duas entrevistas, realizadas de forma individual com o (a) professor (a) de Educação Física da escola. A Entrevista I foi aplicada nas escolas que realizavam o trabalho com a GR, e a Entrevista II foi utilizada para aquelas escolas que não desenvolviam o trabalho com a GR.

Foram abordados os seguintes temas nas entrevistas, na Entrevista I, em relação a como acontece o trabalho com a GR na escola, de que forma este trabalho é desenvolvido, e a cerca do profissional que trabalha com a modalidade na escola. Já a Entrevista II baseou-se nos motivos que justificam a ausência da GR na escola e as sugestões para inclusão da modalidade no contexto escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise das entrevistas realizadas com os professores de Educação Física que não desenvolvem o trabalho com a GR no âmbito escolar.

Apesar de conhecermos as diversas contribuições que o trabalho com as modalidades gímnicas oferece aos seus praticantes, de acordo com Schiavon e Nista-Piccolo (2010, p. 327) “há um tímido desenvolvimento das modalidades gímnicas realizadas na escola”. Ayoub (1998) vai além, ao observar que a Ginástica, enquanto conteúdo de ensino, praticamente não existe nas escolas brasileiras.

Inúmeros são os motivos que justificam essa ausência da Ginástica no âmbito escolar, a tabela abaixo destaca as razões mais citadas pelos professores de Educação Física, que justificam a ausência da GR nas escolas públicas e privadas do município de Santa Maria/RS.

TABELA 1. Principais motivos que justificam a ausência da Ginástica Rítmica (GR) na escola.

PROFESSORES	
Não se considera capacitado para trabalhar com GR.	A, B, C, D, E, F
Falta de material e espaço físico adequados.	A, B, D, E, F
Por ser um esporte diferenciado, técnico, formal e rígido.	B, C, D, E

A falta de materiais apropriados, a carência de espaço físico adequado, e deficiências na formação profissional (falta ou pouco conhecimento a respeito da modalidade), aparecem como os principais motivos que justificam a ausência das modalidades gímnicas na escola (Barbosa-Rinaldi e Cesário, 2010; Schiavon e Nista-Piccolo, 2006; Toledo, 1999; Ayoub, 1998).

Além desses fatores mencionados, Schiavon e Nista-Piccolo (2006) destacam outro ponto interessante, a imagem das modalidades gímnicas vinculada ao alto nível competitivo. Segundo Barbosa-Rinaldi e Cesário (2010, p.306) no momento em que os professores afirmam “não se considerarem capacitados para trabalhar com a GR e que não trabalham por falta de materiais e espaço físico adequados, reflete-se a idéia da GR ligada ao esporte de competição, unicamente no formato institucionalizado”.

A partir das respostas obtidas nesta pesquisa para a pergunta em relação aos motivos que justificam a ausência da GR na escola: “Porque as turmas são grandes e mistas (PROFESSORAS A e D); Por ter rejeição dos meninos (PROFESSORA D); Porque a GR está distante da realidade dos alunos (PROFESSORA C); Por ter poucos professores na escola (PROFESSORES A e B)”, foi possível perceber a concepção de GR que os professores entrevistados apresentaram ligada ao desporto competitivo, e o desconhecimento sobre as diferentes possibilidades de se trabalhar com a modalidade.

Alguns professores têm dificuldade em enxergar uma prática gímnica além de suas formas desportivizadas, profissional este, que deveria ser capaz de visualizar adaptações possíveis das modalidades em diferentes contextos, que ultrapassam o esporte competitivo (SCHIAVON E NISTA-PICCOLO, 2006).

Tal situação também se confirma por meio da fala do Professor E: “A GR é uma modalidade diferenciada, exige um profissional capacitado, espaço e materiais adequados”. Deste modo, Schiavon e Nista-Piccolo (2006, p. 39) mostram que muitos

professores alegam a falta de material específico como razão pela qual não trabalham com Ginástica na escola, e isso prova uma carência de idéias em relação à adaptação de materiais, “enquanto que falta na verdade é o conhecimento sobre o assunto, é preciso ter domínio sobre o tema que está sendo trabalhado”.

A falta de conhecimento em relação à Ginástica faz com que alguns profissionais não consigam visualizar as possibilidades de ensino da modalidade no ambiente escolar (SCHIAVON, 2003). Koren (2004) traz a possibilidade de se trabalhar com material alternativo, o qual pode ser facilmente elaborado com materiais simples e de baixo custo, sendo planejado e preparado mesmo com poucos recursos, inclusive podendo ser construído durante as aulas e com a participação dos alunos.

Schiavon e Nista-Piccolo (2010) acreditam que o trabalho com a GR pode ser desenvolvido em ambientes diferentes de um ginásio específico. Deutsch (2010) acrescenta mostrando que o espaço utilizado, deve ser suficiente para que todos os alunos possam estar em movimento ao mesmo tempo e que cada um possa se mover livremente.

Ao se trabalhar com as modalidades gímnicas na escola, um dos maiores problemas encontrados, é a formação deficitária dos professores, a qual na maioria das vezes é apenas direcionada para a formação técnica totalmente diretiva, e não desenvolve a criação e visualização de adaptações, que podem tornar possível essas modalidades em diferentes contextos, fora dos padrões ideais para o esporte competitivo (SCHIAVON E NISTA-PICCOLO, 2010).

A GR faz parte do currículo de Formação Profissional em Educação Física desde o fim da década de 80, porém sabe-se que a modalidade é raramente desenvolvida nas escolas como um dos saberes curriculares (BARBOSA-RINALDI E CESÁRIO 2010). Cabe destacar o fato de que parte dos professores entrevistados concluíram sua formação antes do ano de 1989, portanto não tiveram contato com a GR como disciplina possuidora de saberes próprios, enquanto outra parcela dos professores concluiu sua formação inicial após a mudança curricular na qual a GR passou a constar como disciplina, porém todos esses professores, os que concluíram sua formação inicial antes e depois da reforma curricular, relataram não trabalhar com a modalidade em questão.

Outro aspecto interessante foi encontrado na fala do Professor B, que justifica a ausência da GR em sua prática pedagógica dizendo: “Não trabalho com a GR por não estar dentro do programa (conteúdo) da escola”. Pereira (1999) destaca que poucos

profissionais da área da Educação Física conhecem a pedagogia e o valor educativo da GR para o processo de desenvolvimento da criança.

Em relação, ainda à fala deste professor, pode-se perceber a falta de conhecimento à respeito dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, que trazem a Ginástica como um dos saberes a serem trabalhados nos programas escolares, uma vez que Esportes, Jogos, Lutas e Ginástica, constituem um dos blocos de conteúdos propostos para a Educação Física pelos PCNs. Desta forma a GR, enquanto uma modalidade gímnica, se encaixa neste bloco, sendo um conteúdo rico e interessante a ser desenvolvido na escola. Escola esta, considerada por Schiavon e Nista-Piccolo (2010, p. 299) “espaço no qual as diferentes manifestações da cultura corporal devem ser ensinadas e aprendidas pelos alunos, não excluindo saberes ou reforçando aqueles mais tradicionais presentes no currículo”.

Alguns professores (C e E) que participaram deste estudo utilizaram a “falta de interesse dos alunos pela GR”, como justificativa para a ausência da modalidade em sua escola. Todavia, de acordo com Barbosa-Rinaldi e Cesário (2010, p. 307), repostas como esta mostram a falta de conhecimento bem como a falta de compromisso dos professores com a sua prática pedagógica, pois “como podem os professores afirmar que seus alunos não se interessam por um conhecimento que desconhecem?”.

Nas escolas onde foi verificado que o trabalho com a modalidade em questão, não vem sendo desenvolvido, os professores sugeriram algumas idéias para a inclusão da GR no âmbito escolar. A tabela abaixo ilustra tais sugestões:

TABELA 2. Principais sugestões para inclusão da Ginástica Rítmica (GR) na escola.

	PROFESSORES
Capacitação dos profissionais	A, B, C, D, E, F
A escola deveria ter condições (espaço e material adequados, professor capacitado) para desenvolver a modalidade (GR).	A, B, D, E
As faculdades de Educação Física deveriam capacitar os profissionais para trabalhar com a GR nas escolas.	B, D, E

Desta forma, pode-se perceber que estas respostas reforçam as questões anteriormente levantadas. Ao apontarem como sugestão para a inclusão da GR no âmbito escolar a idéia de que, “A escola deveria ter condições (espaço e material adequados, professor capacitado) para desenvolver a modalidade” (Tabela 2), os professores demonstram a falta de conhecimento ou até mesmo o desconhecimento a respeito da GR e as diferentes possibilidades de se trabalhar com a modalidade, a utilização de materiais alternativos e o seu desenvolvimento em espaços não específicos, denunciando assim a visão da modalidade ligada ao esporte de alto nível que os professores entrevistados apresentaram.

A questão da “Capacitação dos profissionais” (Tabela 2), também foi trazida como uma dessas sugestões, o que mostra a existência de possíveis falhas na formação profissional destes professores, bem como o desconhecimento da modalidade, uma vez que todos os professores entrevistados, que declaram não trabalhar com a GR, afirmaram não se sentirem preparados/capacitados para desenvolver a modalidade em sua escola. Schiavon e Nista-Piccolo (2006, p.42) salientam que “para desenvolver um conteúdo gímico é preciso conhecer todas as suas possibilidades de aplicação, e a partir disso, conseguir adaptá-lo para diferentes objetivos e locais”.

Entretanto, foi possível notar, certo interesse por parte dos professores em trabalhar com a GR, este fato pode ser percebido por meio da fala da Professora A: “A UFSM deveria abrir mais espaços para os professores que estão atuando nas escolas, oferecendo cursos na área de GR”.

Alguns professores (B e E) também alegaram que para a GR ser inserida no contexto escolar, deveria acontecer uma adaptação da modalidade à escola, isto é, transformar a GR encarada como desporto competitivo em uma modalidade possível de ser desenvolvida no ambiente escolar. A seguinte sugestão dos professores: “As faculdades de Educação Física deveriam capacitar os profissionais para trabalhar com a GR nas escolas” (Tabela 2), está de certa forma relacionada a esta adaptação, do mesmo modo a fala do Professor E reforça essa idéia, “Deveria ter na faculdade a modalidade (GR) de outra forma, para que pudesse ser desenvolvida na escola”, assim percebemos que existe uma carência de conhecimento em relação ao aspecto lúdico e recreativo das modalidades gímicas. De acordo com Schiavon e Nista-Piccolo (2006) isso mostra que existe certa ineficácia na formação profissional em relação à criação de alternativas pedagógicas para o desenvolvimento de uma ginástica possível.

Análise das entrevistas realizadas com os professores de Educação Física que desenvolvem o trabalho com a GR no âmbito escolar.

Nas escolas onde foi diagnosticada a presença do trabalho com a GR, buscou-se verificar como acontece esse trabalho e de que forma ele é desenvolvido. Cabe ressaltar, que a presença da GR só foi encontrada nas escolas particulares da cidade, sendo desenvolvida na forma de Escolinha e/ou Atividade Complementar, isto é, de forma extracurricular, geralmente sendo uma atividade paga. Em uma escola particular foi encontrada a GR na forma de atividade complementar, não paga, sendo oferecida apenas para alunos a partir do 5^a ano, para crianças do 1^o ao 4^o ano a modalidade é oferecida na forma de Escolinha (paga). Portanto, nota-se que só tem acesso à modalidade na escola aqueles alunos que se dispõem a participar de atividades extracurriculares e possuem condições financeiras para fazer parte de escolinhas.

Foi possível perceber que a GR enquanto conteúdo da Educação Física, não se faz presente nas escolas, apesar de ser uma atividade que contribui para o desenvolvimento integral do aluno. De acordo com Egerland (2004), a GR é um esporte que garante o sucesso a qualquer participante, independente de idade, sexo ou características físicas, através da exploração e descoberta os alunos aprendem brincando formas interessantes de usar o movimento do corpo.

Verificou-se que as aulas de GR acontecem normalmente, duas vezes por semana, as turmas são reduzidas e heterogêneas, englobando alunos de diferentes faixas etárias. Pode-se dizer que são utilizados nas aulas de GR das escolas que participaram desta pesquisa, os materiais oficiais da modalidade, os quais possuem alto custo para serem adquiridos. Isso mostra que o caráter competitivo é focado, levando em consideração a forma, de Escolinha, como a modalidade vem sendo desenvolvida.

De acordo com o relato das professoras entrevistadas, não existe a participação de meninos nas aulas de GR. Sabe-se que oficialmente a GR é uma modalidade apenas feminina, porém cabe ao professor de Educação Física em suas aulas, tornar essa prática possível a todos os alunos. Pereira (2010) defende a possibilidade de desenvolvimento da GR para praticantes de ambos os sexos, em diferentes contextos, a autora acredita que para que isso aconteça é necessário que se crie um ambiente propício à aprendizagem da GR com turmas mistas.

Gaio (2007) lembra sobre a existência do preconceito cultural machista, que ainda limita o homem em seus movimentos, o que o impede de se movimentar enquanto

ser que se move tanto quanto a mulher. Entretanto na escola, não se pode negar, excluindo os meninos, a oportunidade de que eles possam vivenciar os movimentos rítmicos e expressivos desenvolvidos através da modalidade. Bregolato (2006) considera que as experiências e habilidades que os meninos costumam e gostam de realizar, usando a bola, por exemplo, podem ser facilmente utilizados a fim de auxiliar na execução dos movimentos nas aulas de GR.

“O movimento é de cada criança – amplo, pequeno, redondo, quadrado, limitado, expressivo, enfim tão diferente quanto às crianças” (GAIO, 2008, p. 18). Assim o trabalho desenvolvido na escola com a modalidade pode ser realizado com base em uma perspectiva inclusiva, pois a GR pode ser explorada por todos, devendo ser adaptados seus movimentos, respeitando as individualidades, limitações e potencialidades de cada um.

Os objetivos da GR desenvolvida na escola, citados pelas professoras entrevistadas, estão ilustrados de acordo a tabela abaixo:

TABELA 3. Objetivos da Ginástica Rítmica (GR) na escola.

PROFESSORA G	Proporcionar uma atividade física prazerosa, divulgação do esporte, participar de amistosos internos (sem a rigurosidade do Código de Pontuação, adaptado ao nível das atletas).
PROFESSORA H	Proporcionar uma atividade física extra, promover a GR, tornar a modalidade conhecida, participar de campeonatos amistosos e competitivos (com regulamento adaptado).

Desta forma, foi possível perceber que o aspecto competitivo da modalidade vem sendo focado nas aulas de GR nas escolas particulares da cidade, onde o trabalho acontece visando os amistosos, os campeonatos, ou seja, determinados tipos de competição, como mostram os seguintes objetivos citados pelas entrevistadas: “Participar de amistosos internos (sem a rigurosidade do Código de Pontuação,

adaptado ao nível das atletas) (PROFESSORA G); Participar de campeonatos amistosos e competitivos (com regulamento adaptado) (PROFESSORA H) (Tabela 3)”.

Apesar de conhecermos a realidade da GR, presente no contexto escolar apenas na forma de Escolinha e/ou Atividade Complementar, seguindo os moldes do esporte de competição, sabe-se que a modalidade pode também estar inserida na escola enquanto conteúdo possível de ser desenvolvido pelo professor de Educação Física em suas aulas, de forma mais livre e natural, com a participação dos meninos, a utilização de materiais alternativos, e a ocupação de espaços como a sala de aula ou a quadra de esportes.

O trabalho com a GR pode ser realizado através de uma perspectiva lúdica e recreativa, criando propostas pedagógicas que levem o aluno a descobrir os seus próprios movimentos (GAIO, 2008). O processo de iniciação e vivência desta modalidade com o adequado tratamento pedagógico, trabalha com as movimentações básicas da criança, como os movimentos fundamentais locomotores, manipulativos e estabilizadores, além da ludicidade que os movimentos em si proporcionam, sendo totalmente possível para todas as crianças (SCHIAVON, 2003).

Com relação ao perfil desses profissionais que trabalham com a GR nas escolas da cidade, pode-se dizer que existem professores com experiência anterior, que vivenciaram a modalidade enquanto atleta, e posteriormente mantiveram o contato com a GR durante a graduação (Professora G, 31 anos, possui experiência como ginasta, formada em Educação Física – Licenciatura Plena no ano de 2002, ministra aulas de GR desde 1999). Barbosa-Rinaldi e Cesário (2010) destacam que os professores tendem a reproduzir o que aconteceu no seu processo de formação, isto é, em sua história de vida e em sua formação inicial.

Entretanto também foram encontrados professores que não vivenciaram a modalidade enquanto ginastas, nem tiveram o contato durante a faculdade, buscando, de outra forma, o conhecimento para trabalhar com a GR (Professora H, 28 anos, não possui experiência como atleta, formada em Educação Física – Licenciatura Plena no ano de 2007, ministra aulas de GR desde 2007).

Freqüentemente encontramos o ensino de atividades como a GR, através de movimentos prontos, seguindo sempre um modelo também pronto e transmitido da mesma forma para todos (GÓIS, 2008). De acordo com Barbosa-Rinaldi e Cesário (2010) os professores estão interessados em receitas prontas e acabadas, portanto resumir a GR apenas ao formato do esporte de competição tem sido a opção escolhida.

Os professores de Educação Física precisam estar preparados para o desafio de adaptar as atividades gímnicas com e sem aparelhos, para que todas as crianças possam beneficiar-se das atividades e assim se conhecerem como corpos e se reconhecerem como talentos corporais. Cabendo a esse profissional, a tarefa de desenvolver a modalidade na escola por meio de uma pedagogia desportiva que possibilite aos alunos o acesso a uma cultura esportiva desmistificada (GAIO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização deste estudo, foi possível identificar que a GR em Santa Maria/RS, se faz presente no âmbito escolar apenas enquanto atividade extracurricular, seguindo os moldes do esporte de competição e desenvolvida somente em escolas particulares. Verificou-se ainda, que os professores que relataram não trabalhar com a GR em sua prática pedagógica, vinculam a imagem da modalidade ao esporte de alto nível, considerando-a um esporte diferenciado e bastante técnico. E assim acarretando o afastamento da modalidade da escola, e reforçando o fato de que existe um desconhecimento por parte dos profissionais com relação às possibilidades de como desenvolver o trabalho com a GR em diferentes contextos.

Além da falta de conhecimento, outros motivos como a falta de materiais apropriados e de espaço físico adequado, foram mencionados pelos professores como barreiras para o desenvolvimento do trabalho com a GR na escola. Sabe-se que a modalidade deve sofrer adaptações e adequações para que possa ser inserida no âmbito escolar enquanto conteúdo da Educação Física, sem que haja a descaracterização da GR.

Deste modo, acredita-se que a GR pode ser desenvolvida de forma lúdica, em espaços variados, com o auxílio de materiais alternativos, utilizando a criatividade do aluno e explorando todas as possibilidades que a modalidade oferece. Diante disso, pode-se considerar o importante papel do professor de Educação Física, cabendo-lhe a tarefa de desvincular a modalidade de sua existência apenas enquanto desporto competitivo, tornando a prática da GR possível no ambiente escolar e acessível a todos os alunos.

Para tanto, faz-se necessário algumas mudanças, as quais vêm desde a formação inicial dos profissionais, onde deveria ser trabalhada a GR e suas possibilidades de inserção na escola, bem como, a oferta de cursos na área da GR, com o intuito de promover a inclusão da modalidade no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

AYOUB, E. **A ginástica geral na sociedade contemporânea**: perspectivas para a Educação Física Escolar. 1998. 187f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BARBOSA-RINALDI, I. P. B.; CESÁRIO, M. Ginástica Rítmica: da compreensão de sua prática na realidade escolar à busca de possibilidades de intervenção. In: PAOLIELLO, E; TOLEDO, E. **Possibilidades da Ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 295-323.

BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal da ginástica**: livro do professor e do aluno. São Paulo: Ícone, 2006.

DEUTSCH, S. Propostas para o desenvolvimento de projetos com Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, E; TOLEDO, E. **Possibilidades da Ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 351-372.

EGERLAND, E. M. **Ginástica Rítmica: uma proposta escolar**. Blumenau: Odorizzi, 2004.

GAIO, R. **Ginástica Rítmica popular**: uma proposta educacional. Jundiaí: Fontoura: 2007.

GAIO, R. Ginástica para tu, eles, e nós. In: GAIO, R. **Ginástica Rítmica**: da iniciação ao alto nível. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 15-30.

GÓIS, A. A F. O ritmo no processo de ensino-aprendizagem da Ginástica Rítmica. In: GAIO, R. **Ginástica Rítmica**: da iniciação ao alto nível. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 77-88.

KOREN, S. B. R. **A ginástica vivenciada na escola e analisada na perspectiva da criança**. 2004. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PEREIRA, S. A. M. **Ginástica Rítmica Desportiva: aprendendo passo a passo**. Rio de Janeiro: Shape, 1999.

PEREIRA, S. A. M.; Ginástica Rítmica só para mulheres?. In: PAOLIELLO, E; TOLEDO, E. **Possibilidades da Ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 400 - 436.

SCHIAVON, L. M. **O projeto crescendo com a ginástica: uma possibilidade na escola**. 2003. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCHIAVON, L. M.; NISTA-PICCOLO, V. L. Desafios da ginástica na escola. In: MPOREIRA, E. C. **Educação física escolar: propostas e desafios II**. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 35-58.

SCHIAVON, L. M.; NISTA-PICCOLO, V. L. Imaginação: uma experiência de projeto extracurricular de Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, E; TOLEDO, E. **Possibilidades da Ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 325-349.

TIBEAU, C. C. P. M. Estratégias de ensino na Ginástica Rítmica. In: PAOLIELLO, E; TOLEDO, E. **Possibilidades da Ginástica Rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 269-293.

TOLEDO, E. **Proposta de conteúdos para Ginástica escolar: um paralelo com a teoria de Coll**. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

TOLEDO, E. Fundamentos da Ginástica Rítmica. In: NUNOMURA, M; TSUKAMOTO, M. H. C. **Fundamentos das Ginásticas**. Jundiaí: Fontoura, 2009. p. 143-172.